



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**

## **SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR: JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI (BA)**

Zizelda Lima Fernandes  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil,  
Endereço eletrônico: zizafernandes@yahoo.com.br

### **INTRODUÇÃO**

Este texto traz um recorte de uma tese de doutorado em educação e tem por objetivo compreender as relações que jovens estudantes da escola pública de ensino médio constroem com a escola, considerando, sobretudo, as sociabilidades por eles praticadas no contexto escolar. Em tempo, cabe realçar que a pesquisa se debruçou sobre as seguintes questões: de que maneira os jovens estudantes do ensino médio constroem relações no atual contexto escolar? Como constituem grupos de sociabilidade nesse espaço? Qual a percepção que têm da escola de ensino médio e de si mesmos como alunos dessa escola? Existe algum fator que impacta numa relação mais positiva ou mais negativa com a escola?

Com a chamada “expansão da escolarização” amplia-se o acesso das camadas populares à escola pública de ensino médio. Por conseguinte, jovens ricos em expressões e manifestações culturais que carregam para o interior da escola suas histórias, saberes e experiências sociais vivenciadas em espaços distintos. Porém, tais valores e perspectivas não são os esperados por aquela instituição.

Quando se criou a escola no século XVI, ela tinha uma finalidade que, hoje, no século XXI, indiscutivelmente é bem distinta. Havia um lineamento condizente com a estrutura social daquele momento. Ela atendia a uma elite social com capital cultural bem distinto e sempre conviveu com esse público mais ou menos homogêneo com perfil mais definido em relação ao ser aluno e às normas escolares. Hoje se tem um contexto diversificado e a escola resiste. Resiste porque quer continuar lidando com o aluno de hoje como se fosse o aluno de outrora, apesar de, em alguns momentos, fazer algumas concessões, procurando conviver com essas mudanças. Para Carrano e Dayrell (2014, p. 127), “as escolas esperam alunos, e o que recebem são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo”. Fanfani (2000, p. 08) conclui que os jovens de estratos sociais mais baixos que ingressam no ensino médio “são portadores de uma cultura social feita



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



## **XIII Colóquio Nacional VI Colóquio Internacional DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**

de conhecimentos, valores, atitudes, predisposições, que não coincidem necessariamente com a cultura escolar e, em particular com o currículo do programa que a instituição se propõe a desenvolver”.

Assim, em razão das transformações sociais contemporâneas, a escola se vê impulsionada à constante transformação de identidade. Perante a diversidade juvenil que avança por seu espaço, ela não consegue, em muitas circunstâncias, se redefinir internamente e compreender aspectos fundamentais da dimensão do ser jovem e do ser aluno nos dias de hoje. O próprio projeto de escolarização da escola de ensino médio acontece sob uma “estrutura sistêmica pouco desenvolvida e com uma cultura escolar incipiente para os jovens das parcelas mais pobres da população” (KRAWZYCK, 2011, p.766) Tudo isso faz com que a escola de ensino médio se encontre sujeita a questionamentos em torno do seu alcance e sentido.

Esses “sujeitos sociais” que cada vez mais frequentam a escola – embora cheguem, em sua maioria, atrasados – expõem para o cotidiano, suas pautas culturais que se desdobram em grandes desafios e, para “permanecerem” nesse espaço, reinventam a escola como lugar de sociabilidade juvenil.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa se constrói baseada nos preceitos de uma metodologia qualitativa e se utiliza de fontes documentais (pesquisa bibliográfica e declaratória, ata de resultados finais, projeto político-pedagógico) e fontes não documentais (observações diretas no campo, que constaram de: diário de campo, conversas com professores e gestores, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas). Ocorre em 5 escolas públicas da rede estadual de ensino médio do município de Guanambi – BA (total de 15 turmas), tendo como principais interlocutores jovens alunos do primeiro ano do ensino médio<sup>1</sup>.

As observações ocorreram durante o trajeto de inserção no campo (dois semestres consecutivos<sup>2</sup>). Os questionários aplicados totalizaram 292 questionários, distribuídos entre 135 homens e 157 mulheres. Quanto às entrevistas ocorreram com 25 jovens selecionados do grupo maior – 18 jovens da zona urbana e 7 jovens da zona

<sup>1</sup> Turnos matutino, vespertino e noturno.

<sup>2</sup> Respeitando o Calendário Escolar – 2º semestre/2015 e 1º semestre/2016.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**

rural, ou, ainda, 13 jovens mulheres e 12 jovens homens<sup>3</sup>.

O contato direto com os jovens e com os profissionais da educação, assim como as oportunidades de diálogo, de escuta propiciaram o fluimento da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos dados construídos verificamos que os estudantes do ensino médio, participantes da pesquisa, se achavam representados por um coletivo maior constituído por jovens que moravam na zona urbana – que se distribuíam em 32% de mulheres e 40% de homens – e por um coletivo menor formado por jovens moradores da zona rural – correspondendo a 20% de mulheres e 8% de homens. Esses sujeitos, moradores da zona urbana e da zona rural, em muitos momentos, se diferenciavam em suas demandas, prioridades e limitações, considerando, sobretudo, os valores que estruturavam suas identidades e o seu cotidiano. Ao mesmo tempo, apresentavam pontos comuns quando se tratava de um grupo oriundo das camadas populares que se encontrava em meio aos anseios de uma nova geração e no interior de uma escola que, em muitas circunstâncias, negava a cultura, anseios e demandas dessa juventude.

Os dados construídos nos possibilitaram levantar algumas afirmações: a escola de ensino médio tinha cor, tinha trabalho, tinha filhos de pais com baixa escolaridade que, em sua maioria, exercia trabalhos manuais, por conseguinte com baixa remuneração; os jovens negros e pardos em suas condições concretas de existência eram mais carentes economicamente (tinham menos recursos), pais com formação escolar um tanto limitada e que realizavam atividades trabalhistas de baixa remuneração (quando não se encontravam desempregados); percentual relevante dos jovens de cor branca tinha pais com tradição escolar - ensino fundamental completo, ensino médio completo, superior incompleto ou completo; os jovens da zona rural tinham uma organização familiar que se aproximava, em muito, do modelo de família nuclear; as famílias urbanas revelaram que sofreram maiores impactos com as mudanças sociais apresentando uma organização familiar mais eclética e mostrando que, na maioria dos casos, a mãe - esteio da família - arcava com a responsabilidade maior nas despesas da casa e educação dos filhos; os/as jovens homens e mulheres realizavam algum tipo de

<sup>3</sup> Estes instrumentos tiveram como alvo a maneira como os jovens constituem as redes de sociabilidade e como “vivem” aquele espaço.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



## **XIII Colóquio Nacional VI Colóquio Internacional DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**

trabalho ou estavam procurando emprego, salvo exceções; as mães dos jovens, em sua totalidade, apresentavam maior escolaridade do que os seus pais.

A família, a escola, o trabalho, a religião, os meios de comunicação de massa, entre outros, constituíam vigorosas mediações nos processos de socialização juvenil. Em se tratando da socialização dos jovens estudantes da escola de ensino médio - incidia em diversos espaços e tempo e afetava os patamares em que se dava a sua vida escolar (DAYRELL, 2007). No interior da escola, no contexto das relações, a sociabilidade ia se fazendo de forma livre, sem hora marcada.

Por conseguinte, um dos pontos centrais que surge nessa análise é a prioridade que os jovens estudantes davam às redes interativas que constituíam no contexto escolar, independentemente do fato de serem mulheres ou homens ou, ainda, de serem da zona rural ou da zona urbana. Afirmavam que “interagir com os colegas, brincar com os amigos, frequentar a escola pelos amigos e companhia” é o que mais gostavam de fazer naquele espaço. Em suas relações, davam destaque à convivência com os seus pares, ao “domínio do festivo”, do lúdico, do criativo e do estético, o “jogar conversa fora”, elegendo aquilo que é emocionalmente comum ao grupo juvenil: “estar juntos”. Apesar de não abrirem mão, em suas narrativas, da escola como espaço possível para “ser alguém na vida”. De todo modo, as relações se desenvolviam no seio das interações com marcas de reciprocidade e afetação múltipla e, nesse contexto, os jovens imprimiam novos sentidos à escola.

O assunto “estudar” assumiu posições contraditórias. Para uns, foi considerado como algo que gostavam de praticar; para outros, aquilo que menos gostavam de fazer na escola e na vida. Em se tratando da relação professor e aluno, de maneira geral, os jovens deixavam claro que os professores preferiam “alunos que tiravam boas notas” e “prestavam atenção às aulas”. Consta-se que parte significativa dos professores olhava para os jovens a partir da sua condição de aluno. Os critérios escolares é que prevaleciam. O dialogar com as juventudes que se achavam imersas naquele contexto, às vezes, era negligenciado e/ou relegado a segundo plano.

O trabalho foi outra instância que também exerceu uma forte influência na relação dos jovens com a escola. Daquele jovem rural que acordava de madrugada para trabalhar no roçado, para tirar leite das vacas e em seguida se dirigir pra escola até aquele jovem urbano que trabalhava numa empresa, muitas vezes em serviços pesados e



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**

depois ia pra escola. Afinal, como conciliar estudo e trabalhos nessas condições?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão de que o problema da escola é um problema de todos nós. Vimos que a escola de ensino médio com a qual os jovens almejam, sonham e querem pra eles é uma escola que os reconheçam enquanto sujeitos sociais, que os acolham. Eles querem professores que dêem aulas e que façam a diferença, querem professores de matemática, por exemplo, que saibam matemática, que saibam contextualizar essa matemática e trazê-la para a sua realidade de vida, querem uma matemática viva, assim como suportes tecnológicos. Eles querem uma escola que tenha atividades dentro da sala de aula, fora da sala de aula. Atividades que extrapolem os muros da escola, que os possibilitem viajar, conhecer e explorar outros espaços. Eles querem uma escola condizente com a estrutura social contemporânea. Em muito, esses jovens querem falar, ser escutados e respeitados. Vimos que a escola de ensino médio precisa (re) nascer a partir de um projeto coletivo que valorize a experiência da sociabilidade juvenil em sua dimensão educativa.

Constatamos que os jovens dão à escola uma dimensão tão rica e ampla que a própria escola não se deu conta disso. Tudo isso resulta de um “transbordar”, de um “sair do lugar” essencializado pelo grupo juvenil em suas redes interativas. Trata-se, portanto, de uma geração que vê alargado seu universo de “escolhas”, apesar de caçada, em muitas situações, pelas próprias condições sociais e culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude; Ensino Médio; Sociabilidade Escolar.

## REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez Tarcísio. CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, outubro/2007.

FANFANI, E. T. Culturas jovens e cultura escolar. In: **Seminário escola jovem: um novo olhar sobre o ensino médio**. Brasília: MEC, 2000.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



## **XIII Colóquio Nacional VI Colóquio Internacional DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje.  
**Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, set./dez. 2011.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**